

*para a Europa
e outros pontos*

Rio de Janeiro, 16 de Julho de 1928.

Exma. Sra.

D. Amelia de Rezende Martins.

Guardo ainda a agradável impressão de optimismo sa-
dio e de firme convicção recebida ao ouvir a leitura brilhante-
mente commentada do seu programma de organização social.

Esse vastissimo problema occupa e preoccupa, no mo-
mento, o mundo assoberbado por uma crise proveniente de um er-
ro e de uma imprevidencia igualmente lamentaveis.

A grande guerra foi apenas a centelha provocadora
da explosão preparada pelas maiores potencias em uma triste
inconsciencia de seus verdadeiros deveres para com a humanida-
de!

Imaginaram fazer obra duradora, baseando-a em uma
liberdade, de latitude excessiva e n'um interesse individual
mal comprehendido!

Pensaram na possibilidade de reunir esses interes-
ses e de dominar aquella liberdade, quando, accidentalmente, se
tratasse de um perigo commum, amparando, então, a defesa colle-
ctiva na força material de um poder militar, perfeitamente, ap-
parelhado.

Esqueceram os grandes paizes, apesar das vozes au-
torizadas varias vezes levantadas, que a reunião de homens só
constitue uma força orientada para o bem, quando a collectivi-

dade tem uma alma commum, sabiamente formada por uma educação moral.

Do contrário, as pequenas forças individuaes em diversas direções, e as vezes em sentidos oppostos, produzem uma resultante de deminuto valor, quando não se neutralizam.

A dura lição da calamidade de 1914 a 1918, universal nas suas consequencias, provou á evidencia a necessidade de uma organização social.

Emile Waxweiler, o eminente director do "Institut de Sociologie" Salvay em Bruxellas, formulou o mecanismo essen- cial dessa organização, por uma cadeia: acto + habito + uso + re- gra + instituição. Essa cadeia traduz o "processus" bio-psy- chologico desenvolvido nos individuos como nas collectividades.

O acto bom pela sua repetição se torna um habito; es- te se socializando transforma-se em uso; este, por sua vez, se fixa em regra, por vontade propria da collectividade, que, no con- juncto de regras, estabelece a sua instituição definitivamente organizada para o bem commum.

Aos governos incumbe formar a consciencia moral da collectividade, pela grande obra da educação, não devendo se li- mitar essa obra ao curto periodo de duração diaria da escola. Gumpre extender o seu alcance, abrangendo o tempo actualmente perdido fora do periodo escolar, relativamente pequeno, quantas vezes o máo emprego desse tempo em uma ociosidade, sempre pe- rigosa, ou em divertimentos ^{demeritavos} ~~condemnaves~~ contraria profundamente

a educação, sobretudo, moral recebida na Escola: o que os alunos aprendem pela manhã perdem á tarde, com prejuizo int'gral da alta finalidade collimada: educar o espirito e o coração, a vontade e o caracter para o cumprimento do dever individual e collectivo!

O seu plano é grandioso e visa, exactamente, essa finalidade, consolidando algumas instituições já existentes, ampliando e criando outras sempre com o objectivo de resolver, sob diversos aspectos, multiplos problemas sociais. Elle envolve, em duvida, questões difficeis, pela opposição a máo hábitos inveterados, mas, com perseverante competencia e amplos recursos pecuniarios taes questões serão vencidas, com incontestavel vantagem para os governos que, em suas varias esferas de acção, no plano traçado, encontram um poderoso auxiliar.

Estou certo de que os poderes publicos federal e estaduais apoiarão esse plano, comprehendendo o extraordinario alcance dessa organização social.

Da minha parte, resta-me, depois de emitir a minha desvaliosa opinião, felicital-a pelo emprehendimento, capaz de transformar a sociedade hodierna por uma relevante obra de aperfeiçoamento moral dos individuos.

Aproveito o ensejo para reiterar os meus protestos de estima apresentando respeitosas saudações.